

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: A PRÁTICA
EDUCATIVA COM O TEATRO ELIZABETANO NA
SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro

LARYSSA PARADEDA PAIANO SANT'ANNA

Porto Alegre, dezembro de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: A PRÁTICA
EDUCATIVA COM O TEATRO ELIZABETANO NA
SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS**

LARYSSA PARADEDADA PAIANO SANT'ANNA

Monografia apresentada ao Curso de Teatro da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS, como pré-requisito para a obtenção do
grau de licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Doutor João Pedro Gil

Porto Alegre, dezembro de 2010.

“É melhor tentar e falhar que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar que em dias tristes me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que me conformar apenas em viver.”

(Martin Luther King)

“Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando, porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.”

(Luiz Fernando Veríssimo)

Agradecimentos

Agradecer é admitir que houve momentos em que se precisou de alguém, é reconhecer que o homem jamais poderá lograr para si o dom de ser auto-suficiente. Ninguém cresce sozinho, sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor. A todos que estiveram ao meu lado, que me deram seu carinho, amizade e compreensão, dedico esse trabalho, pois sem vocês meus sonhos não seriam realidade e eu não seria ninguém. Aqueles que incansavelmente nunca se cansaram, dedico mais essa vitória. Obrigada por tudo!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	06
2. METODOLOGIA.....	09
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3.1 O Corpo Humano	11
3.2 Gênero	13
3.2.1 Status Legal	13
3.3 Sexualidade.....	14
3.4 Teatro.....	15
3.4.1 O Teatro Elisabetano	15
3.5 Transversalidade e Interdisciplinaridade.....	16
4. OS TEMAS TRANSVERSAIS PARA O PROFESSOR E A ESCOLA.....	17
5. A PRÁTICA EDUCATIVA COM O TEATRO ELIZABETANO NA SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS	19
CONCLUSÃO.....	24
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	26
ANEXO I – Cronograma.....	27
ANEXO II	28
ANEXOIII	30

INTRODUÇÃO

Vivemos num tempo em que o corpo é muito falado, invadido, investigado e ressignificado, seja nas áreas de estudo das ciências médicas, humanas e culturais. A ciência tem interferido e até mesmo redefinido as formas pelas quais crianças, jovens e adultos vêem aquilo que chamam de “seu corpo”. O conhecimento do corpo, conforme MEYER (2004) é por excelência histórico, relacionado aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social. Considerando o funcionamento das sociedades contemporâneas, podemos entender melhor tanto as explorações que são feitas atualmente sobre o corpo, como os valores que transformam seus significados.

Nas perspectivas que formamos sobre o nosso corpo, somos incentivados constantemente a engajar-nos em regimes de autocuidado e de auto-regulação, que não falam apenas em saúde do corpo, mas tratam amplamente sobre a aparência que o nosso corpo assume ou deve assumir para nós mesmos e para os outros. Precisamos de corpos que nos satisfaçam e que nos dêem prazer. Por isso somos levados a construir projetos para nossos corpos, que envolvem nossos sentidos de controle e autonomia, prazer e sofrimento, libertação e subordinação, inclusão e exclusão, entre outros sentimentos e sentidos que nos permitam ter acesso a um corpo perfeito e saudável.

Todas essas ressignificações e multiplicidades de sentimentos estão colocadas no centro de muitos debates e disputas no campo de estudos sobre o corpo, em sua interface com gênero e sexualidade. Conforme MEYER (2004) em alguns estudos enfatiza-se o social e o cultural que agem sobre uma base biológica e universal do nosso corpo, enquanto outros tratam o corpo como uma entidade biológica universal, apresentando a origem das diferenças sexuais entre homens e mulheres e mostrando como a cultura opera para produzir desigualdades entre os sexos e desconstruir preconceitos sexuais e relações de poder. Isso incluiria processos culturais que auxiliam homens e mulheres a produzirem corpos

semelhantes, com valores próximos, distinguindo-se e separando-se apenas como corpos de diferentes sexos, gêneros e sexualidade.

Sendo assim, esse estudo de caso se propõe estudar o Teatro Elizabetano através das obras de Shakespeare, como forma artística capaz de quebrar pré-requisitos e paradigmas de gêneros na adolescência. Esse estudo, no entanto, não se propõe a fazer os adolescentes envolvidos negar a materialidade do seu corpo ou dizer que ela não importa, mas sim mudar o foco das análises que articulam o corpo com gênero e sexualidade, auxiliando os jovens a diferenciar e se posicionar socialmente sem preconceitos sobre seu corpo e seu valor. Os adolescentes necessitam encontrar suas identidades, e como passam grande parte do seu tempo na escola, escolhi justamente este ambiente para o desenvolvimento do meu estudo, que tem como objetivo ajudar meninos e meninas a determinar tipos de identidades consideradas as mais adequadas para eles, lembrando que as identidades não se instalam no sujeito a partir de uma determinada idade e forma, mas devem ser compreendidas como plurais e múltiplas, podendo ser transformadas, não sendo fixas ou permanentes.

O conceito de gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos a ambos os sexos em diferentes sociedades. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instancias sociais em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, religião, também estão imbricadas na construção das relações de gênero. (MEYER, Dagmar (org.); p.33, 2004)

De acordo com JANE FELIPE (1998), o conceito de gênero procura se contrapor à idéia de uma essência masculina ou feminina, natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, lingüística e socialmente determinadas. A construção de cada pessoa deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida em diferentes espaços e tempos. Desta forma, o conceito de gênero trouxe-nos a possibilidade de colocar em discussão as relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres, posicionando-os como desiguais em suas possíveis e múltiplas diferenças.

A importância de auxiliar jovem a compreender seu corpo e formar relações entre o gênero e a sexualidade de cada um, está na construção contemporânea da sociedade, onde crianças e jovens interagem e comunicam-se cada vez mais através de seus corpos, fazendo neles marcas que os identificam e diferenciam como tatuagens, *piercings* e pinturas nos cabelos e unhas. Os meios de comunicação e os produtos que exploram as questões de gênero e sexualidade são presença cada vez mais constante sobre meninos e meninas, indicando-lhes modos de proceder, produzindo verdades da geração contemporânea. Entretanto, muitas vezes, os adultos que estão envolvidos com os nossos jovens e que são responsáveis pela sua

formação, como pais e professores, esquecem que o corpo também aprende, como se fosse possível uma separação entre corpo e mente, e não conversam com os filhos e alunos sobre os assuntos que tratam gênero e sexualidade. Entretanto a escola não pode mais ficar em silêncio e fechar os olhos para tais questões. As salas de aulas estão repletas de corpos e mentes, que andam juntas e por isso é preciso refletir simultaneamente as marcas nesses jovens impressas pelo espaço cultural em que vivem, sem que haja discriminação e preconceito pela diferença de gênero e sexualidade de cada um.

A compreensão de que gênero e sexualidade são culturalmente construídos e não naturalmente dados é preciso ser construída na mente dos adolescentes. Segundo Louro (1999), gênero e sexualidade, assim como o próprio corpo, parecem simplesmente estar lá, inscritos numa determinada anatomia, numa determinada região do cérebro, ou, ainda, em alguma interioridade psicológica inata. Assim se espera que as marcas naturais deixadas pela cultura e pelos valores de cada um, expressem sua subjetividade, seu sentido íntimo e principalmente sua identidade.

Esse estudo de caso então teorizará noções de corpo, gênero e sexualidade construída por adolescentes contemporâneos em uma escola da rede privada de Porto Alegre, considerando suas vivências culturais e discursivas, bem como, propor a escola e professores indagações e problemas antes impensáveis. E essas questões, mais do que levar à produção de “receitas” sobre o que se deve fazer, instigam o pensamento dos jovens, fazendo-os estranhar os valores e conceitos que antes pareciam tão certos e familiares. Ao mesmo tempo, esse estudo permitirá a politização dos temas vinculados ao corpo em sua articulação com gênero e sexualidade, pois trarão para o centro do debate questões de masculino e feminino, de poder, de identidade e de política.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento e a concretização do estudo “corpo, gênero, sexualidade: a prática educativa com o Teatro Elizabetano na superação de preconceitos” serão utilizadas novas propostas pedagógicas para as aulas de teatro da escola em questão, que serão articuladas e inventadas considerando o espaço que circunda os sujeitos desse estudo. Provavelmente meninos e meninas não deixarão seus valores anteriormente construídos de lado, mas poderão iniciar um processo de ruptura com os padrões sociais e preconceituosos vigentes, a fim de perceber que as representações idealizadas e vivenciadas até então, não são, de fato, naturais, mas sim, resultado de um intenso modo de operar com as construções e produções socioculturais. Talvez consigam perceber que estas representações separatistas de gêneros são parte deste tempo, que são provisórias, instáveis e em contínua transformação, assim como são provisórios nossos corpos e nossas identidades, onde as representações se materializam através de marcas e símbolos construídos por nossos preconceitos.

O estudo ora proposto terá como instrumento de trabalho os textos do dramaturgo Shakespeare, do Teatro Elizabetano, que estabeleceu personagens fortes e com gêneros bem marcados e separatistas em suas obras. Com propósito de estudar a construção cultural e a vivência dos alunos, sujeitos deste estudo, e objetivando quebrar preconceitos, valores separatistas e uma relação de poder existentes nas relações entre meninos e meninas, este estudo será dividido em cinco etapas.

Em um primeiro momento serão realizadas visitas a escola e observações das aulas de teatro, a fim de conhecer o ambiente escolar e os jovens que serão sujeitos do estudo, além de observar as relações existentes entre eles. Esse primeiro contato será feito com observação não participante das aulas, com propósito de não interferir na normalidade da turma. Ainda na primeira etapa do trabalho será elaborado um cronograma para um melhor planejamento do estudo (anexo I).

Na segunda etapa do estudo, em gabinete, as informações obtidas nas observações serão estudadas e analisadas, a fim de traçar um perfil de reconhecimento da turma, as relações existentes e os valores que puderam ser vistos. Nesta etapa também será feita uma revisão bibliográfica para mais tarde ser útil à elaboração de um referencial teórico.

A pesquisa de exercícios adequados, que compreenderão a parte prática deste estudo e a elaboração das aulas fará parte da terceira etapa dos procedimentos metodológicos. É nesse momento que será necessário articular e inventar novas estratégias pedagógicas que utilizarão diferentes linguagens, antes não pensadas e aplicadas a tais meninos e meninas.

Em um quarto momento serão aplicadas as aulas, que serão parte fundamental para a construção deste estudo, pois será nesta etapa que se concretizará o objetivo maior deste, que será a desconstrução e a quebra de preconceitos, levando-os a compreensão do seu corpo e da sua identidade, perpassando por elementos como o gênero e a sexualidade de cada um.

Na etapa final, as informações e os resultados obtidos durante as etapas de conhecimento dos sujeitos e do ambiente, de pesquisa de exercícios e da prática, serão computadas e organizadas com objetivo de finalizar este estudo de caso, com a construção de uma discussão e uma conclusão que será sistematizada ao longo do período da pesquisa e servirá para que muitos pais e professores possam refletir sobre as questões aqui abordadas e discutidas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste presente estudo pretende-se pensar e discutir o espaço escolar e as aulas de teatro da escola em questão a partir de observações não participantes, que terão objetivo de incentivar novas propostas pedagógicas para essas aulas de teatro, que serão articuladas e inventadas considerando o espaço em que estão envolvidos os sujeitos desse estudo. Para isso, o estudo ora proposto terá como instrumento de trabalho o texto do dramaturgo Shakespeare, do Teatro Elizabetano, Romeu e Julieta, que estabelecem personagens fortes e com gêneros bem marcados e separatistas.

Desta forma, com propósito de estudar a construção cultural e a vivência dos alunos, sujeitos deste estudo, e objetivando a desconstrução de paradigmas pré-estabelecidos foi selecionado um referencial teórico, com propósito de conceituar elementos como corpo, gênero, sexualidade, teatro e Teatro Elizabetano e transversalidade e interdisciplinaridade como forma artística capaz de quebrar pré-requisitos e paradigmas de gêneros entre os jovens através das obras de William Shakespeare.

3.1 Corpo Humano

O corpo humano é constituído por diversas partes que são inter-relacionadas, ou seja, umas dependem das outras. Cada sistema, cada órgão é responsável por uma ou mais atividades. Milhares de reações químicas acontecem a todo instante dentro do nosso corpo, seja para captar energia para a manutenção da vida, movimentar os músculos, recuperar-se de ferimentos e doenças ou se manter na temperatura adequada à vida.

Há milhões de anos, o corpo humano vem se transformando e evoluindo para se adaptar ao ambiente e desenvolver o seu ser. Nosso corpo é uma mistura de elementos químicos feita na medida certa. As partes do corpo humano funcionam de maneira integrada e em harmonia com as outras. É fundamental entendermos o funcionamento do corpo humano a fim de adquirirmos uma mentalidade saudável em relação a nossa vida.

A palavra corpo é uma das mais ricas da língua portuguesa. O corpo sempre foi objeto de curiosidade por ser uma engrenagem misteriosa. Esse fato levou com que cada área do conhecimento humano apresentasse possíveis definições para o corpo como seu objeto de estudo.

Para Platão o homem é composto de corpo e alma. A teoria filosófica de Platão baseia-se fundamentalmente na cisão entre dois mundos: o inteligível da alma e o sensível do corpo. O pensamento platônico é essencial para a compreensão de toda uma linhagem filosófica que valoriza o mundo inteligível em detrimento do sensível. A alma é detentora da sabedoria e o corpo é a prisão quando a alma é dominada por ele, quando é incapaz de reger os desejos e as tendências do mundo sensível.

Foucault concebeu o corpo como o lugar de todas as interdições. Todas as regras sociais tendem a construir um corpo pelo aspecto de múltiplas determinações. Já para Lacan, o corpo é o espelho da mente e diz muito sobre nós mesmos. Para Nietzsche, só existe o corpo que somos; o vivido e este é mais surpreendente do que a alma de outrora.

Para Descartes, pregador do cartesianismo, o corpo enquanto organismo é uma máquina tanto que tem aparelhos, enquanto Espinosa, objetivando desconstruir o dualismo mente/corpo e outras oposições binárias do iluminismo como natureza/cultura, essência/construção social, concebe o corpo como tecido histórico e cultural da biologia.

Para o crítico literário Pardal Mallet, o autor empresta o seu próprio corpo para dar corpo ao seu texto e ao mesmo tempo cria dentro do texto outros corpos de personagens que transitam no discurso corporal romanesco, porque o texto também tem o seu corpo. Adaptado a noção de construção social e da subjetividade, para o crítico, o corpo deve ser visto como forma positiva, marcando socialmente o masculino e o feminino. Essas categorias ajudam a entender a complexidade do ser humano. Na visão do dançarino Ivaldo Bertazzo, o corpo humano é um instrumento de vida. A descrição do corpo é psicomotora não é psíquica, é uma união entre psiquismo e motricidade.

Assim, muitos autores, críticos, filósofos, sociólogos, dançarinos e atores, tentam explicar o que é o nosso corpo, como podemos entender a sua complexidade e conviver com este sem que nos cause estranheza. Entretanto é buscando na origem na nossa língua materna que podemos compreender a fenomenologia que está por trás da palavra "corpo". A fenomenologia também concebe o ser no mundo emotivo, perceptível e móvel. Em face desse entendimento, diz que o corpo adquiriu certa identidade, sobretudo no momento atual em que há uma crise do sujeito, do eu, da subjetividade que coloca em causa, até mesmo, ou antes de qualquer coisa, a corporeidade do indivíduo, fazendo com que o corpo se torne, em consequência desse momento da sociedade, um "nó de múltiplos investimentos e inquietações" (SANTAELLA, 2004, p. 10).

3.2 Gênero

Gênero refere-se às diferenças entre homens e mulheres. Ainda que gênero seja usado como sinônimo de sexo, nas ciências sociais refere-se às diferenças sociais, conhecidas nas ciências biológicas como papel de gênero. Historicamente, o feminismo posicionou os papéis de gênero como construídos socialmente, independente de qualquer base biológica. Pessoas cuja identidade de gênero difere do gênero designado de acordo com o sexo são normalmente identificadas como transexuais ou transgêneros.

O biólogo britânico Richard Dawkins critica o uso da palavra gênero como um sinônimo eufemístico de sexo, pelo fato de que essa palavra foi tomada como empréstimo do conceito de gênero gramatical, que só reflete a divisão entre masculino e feminino em algumas línguas (principalmente as indo-européias), enquanto outras possuem outros tipos de divisão de gêneros totalmente desvinculada do sexo, como, por exemplo, gênero animado e gênero inanimado.

Muitas sociedades possuem apenas dois papéis de gênero, o masculino ou o feminino, e estes correspondem com o sexo biológico. Entretanto, algumas sociedades explicitamente incorporam pessoas que adotam o papel de gênero oposto ao sexo biológico. Na linguagem da sociologia de gênero há a inclusão de um terceiro-gênero, um tanto distinto do sexo biológico. Um exemplo é o papel de gênero adotado pelas Hijras na Índia, que não são vistas nem como homens e nem como mulheres. Considerando a dinâmica social que se apresenta no país asiático, onde as diferenças entre gêneros masculinos e femininos são aprendidas socialmente, ou refletidas biologicamente, podemos perceber que em meio a uma sociedade, os papéis de gênero são inteiramente arbitrários, e que a biologia não interfere nos comportamentos sociais.

3.2.1 Status Legal

O sexo masculino ou feminino das pessoas possui significância legal. Sexo é indicado em documentos legais, e leis agem diferentemente sobre homens e mulheres. Muitos sistemas de pensão possuem idades de aposentadoria diferentes para homens ou mulheres. O casamento é permitido normalmente para casais de sexo opostos.

A questão que surge é sobre o que determina alguém como masculino ou feminino. Na maioria dos casos isto pode parecer óbvio, mas a questão se complica para pessoas intersexuais ou transgênero. Jurisdições diferentes têm adotado respostas diferentes para esta

questão. Praticamente todos os países permitem mudança do status legal de gênero nos casos de intersexualidade, quando o gênero designado no nascimento é considerado biologicamente incorreto tecnicamente, entretanto, esta não é uma mudança de status por si. É um reconhecimento de um status que já existia, mas desconhecido, no nascimento. Nos últimos tempos, jurisdições também têm provido de procedimentos para mudanças no gênero legal de pessoas transgêneros.

O gênero designado, quando há indicações de que a genitália sexual pode não ser decisiva em casos particulares é normalmente definida por uma série de condições, incluindo cromossomos e gônadas. Assim, por exemplo, em muitas jurisdições uma pessoa com cromossomos XY mas com gônadas femininas pode ser reconhecida como feminina no nascimento.

A habilidade de alterar o gênero legal para pessoas transgêneros em particular têm levantado o fenômeno em algumas jurisdições da mesma pessoa ter gêneros diferentes para diferentes áreas da lei. Por exemplo, na Austrália, pessoas transexuais poderiam ser reconhecidas como tendo o gênero que identificavam sob muitas áreas da lei, incluindo a previdência social, mas não para a lei do casamento. Assim, por um período, foi possível para a mesma pessoa ter dois gêneros diferentes sob a lei australiana.

3.3 Sexualidade

A sexualidade de um indivíduo define-se como sendo as suas preferências, predisposições ou experiências sexuais, na experimentação e descoberta da sua identidade e actividade sexual, num determinado período da sua existência.

Atualmente, ocorre por parte de alguns estudiosos a tentativa de afastamento do conceito de sexualidade da noção de reprodução animal associada ao sexo. Enquanto que esta noção se prende com o nível físico do homem enquanto animal, a sexualidade tenderia a se referir ao plano psicológico do indivíduo. Além dos fatores biológicos (anatômicos, fisiológicos, etc.), a sexualidade de um indivíduo pode ser fortemente afectada pelo ambiente sócio-cultural e religioso em que este se insere. Por exemplo, em algumas sociedades, na sua maioria orientais, promove-se a poligamia ou bigamia, a possibilidade ou dever de ter múltiplos parceiros.

Em algumas partes do mundo a sexualidade explícita ainda é considerada como uma ameaça aos valores político-sociais ou religiosos.

3.4 Teatro

O teatro é uma arte em que um ator, ou conjunto de atores, interpreta uma história ou atividades, com auxílio de dramaturgos, diretores e técnicos, que têm como objetivo apresentar uma situação e despertar sentimentos no público.

Toda reflexão que tenha o drama como objeto precisa se apoiar numa tríade teatral: quem vê, o que se vê, e o imaginado. O teatro é um fenômeno que existe nos espaços do presente e do imaginário, e nos tempos individuais e coletivos que se formam neste espaço.

O vocábulo grego Théatron estabelece o lugar físico do espectador, "lugar onde se vê". Entretanto o teatro também é o lugar onde acontece o drama frente aos espectadores, complemento real e imaginário que acontece no local de representação. Ele surgiu, supõe-se, na Grécia antiga, no século IV a.C..

3.4.1 Teatro Elizabetano

O Teatro Elizabetano (1558-1625) se refere às obras dramáticas escritas e interpretadas durante o reinado de Izabel I da Inglaterra (1533-1603), sendo associado, tradicionalmente, à figura de William Shakespeare (1564-1616).

Para fins de estudo, estende-se, no entanto, a era elisabelina até o fim do reinado de Jaime I, em 1625, e mais tarde, incluindo seu sucessor, Carlos I, até o fechamento dos teatros no ano de 1642, devido à Revolução Inglesa. O fato de se prolongar além do reinado de Izabel I faz com que o drama escrito entre a Reforma e a clausura dos teatros em 1642 se denomine Teatro Renascentista Inglês.

Shakespeare, principal escritor do Teatro Elizabetano, dedica a Jaime I algumas de suas principais obras, escritas para celebrar sua ascensão ao trono soberano, como Otelo (1604), O Rei Lear (1605), Macbeth (1606 - homenagem à dinastia de Stuart) e A Tempestade (1611 - inclui, entre outras, uma "mascarada", interlúdio musical em honra do rei que assistiu a primeira representação).

O período elisabelino não coincide cronologicamente, em sua totalidade, com o Renascimento europeu e menos ainda com o italiano, mostrando um forte acento maneirista e até mesmo barroco em suas elaborações mais tardias.

3.5 Transversalidade e a Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). É uma forma de sistematizar esse trabalho e incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade.

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos.

4. OS TEMAS TRANVERSAIS PARA O PROFESSOR E A ESCOLA

Para o professor, a escola não é apenas lugar de reprodução de relações de trabalho alienadas e alienantes. É, também, lugar de possibilidade de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades.

Ao tratar do tema sexualidade, busquei considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade, tratando as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade. As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na idéia de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família.

Na prática, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. Se as palavras, comportamentos e ações dos pais configuram o primeiro e mais importante modelo da educação sexual das crianças, muitos outros agentes sociais e milhares de estímulos farão parte desse processo. Todas as pessoas com quem convivem ao expressarem sua sexualidade ensinam coisas, transmitem conceitos e idéias, tabus, preconceitos e estereótipos que vão se incorporando à educação sexual. A mídia, nas suas múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Também informa, veicula campanhas

educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborada por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos. A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.

Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. Queira ou não, a escola intervém de várias formas, embora nem sempre tenha consciência disso e nem sempre acolha as questões dos adolescentes e jovens. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe certas manifestações e permite outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seu filho, a escola está sempre transmitindo valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos no momento.

5. A PRÁTICA EDUCATIVA COM O TEATRO ELIZABETANO NA SUPERAÇÃO DE PRECONCEITOS

Consciente do objetivo inicial deste estudo, desenvolvimento de um processo centrado na reflexão de um fazer teatral dentro da sala de aula, usando-se dos temas transversais como a sexualidade, abordando a constituição da identidade feminina e masculina no espaço da sociabilização infantil e juvenil, assim como o papel da família e da escola nesse processo, optei por um caminho repleto de indagações ligado a criação de personagens e a dramatização. A metodologia centrada no sistema de jogos teatrais foi utilizada, uma vez que cada aluno era livre para buscar a criação do seu personagem e refletir direta e/ou indiretamente sobre seu papel social e suas ações.

O teatro como discurso em sala de aula, na perspectiva do ato criativo e consciente, esclarece ao aluno, uma maneira de atuar no mundo como sujeito transformador. Por isso mostra-se uma prática adequada para tratar de temas como o da sexualidade, que tende a mobilizar mais rapidamente o público que atua nas práticas com a educação infantil e juvenil e reforçam atitudes tipificadas naturalmente como femininas e masculinas nas brincadeiras, atividades escolares ou vestuário, como se estas ações, muitas vezes, fossem completamente dissociadas da vivência da sexualidade.

No fazer teatral contemporâneo, onde o trabalho busca o desenvolvimento de grandes temas atuais e pertinentes na sociedade tive muitas dúvidas para a elaboração deste estudo. No início sentia-me perdida, talvez trilhando sobre pedras ou até mesmo em um labirinto onde não era possível ter a certeza de chegar a um final. Tentar conversar e refletir em sala de aula, em meio a uma aula de Teatro, com jovens adolescentes sobre os temas como o corpo, o gênero e a sexualidade, num mundo onde ainda a compreensão do termo gênero está sendo explicada nas suas origens, qual a viabilidade de uma reflexão pautada na “relativização” da educação de crianças, “implodindo” o modelo binário do masculino e feminino e sugerindo a possibilidade de práticas sexuais futuras com pessoas do mesmo sexo? Como discutir possíveis transições entre feminino e masculino numa realidade marcada por valores muito rígidos calcados nas religiões e valores patriarcais de muitas famílias? Como fazê-lo sem que as famílias com valores muito tradicionais recusem a “colaboração” da escola ou a acuse de interferência na vida privada? As práticas em sala de aula foram marcadas

pelas incertezas, onde os alunos nos jogos de improvisação vivenciavam situações dramáticas do cotidiano feminino e masculino.

Desconstruir as associações tradicionais entre o que é feminino ou masculino na educação é uma tarefa difícil do cotidiano. Quando um aluno se apresenta com uma blusa rosa ou mesmo qualquer objeto desta cor, ele é frequentemente questionado de forma ostensiva, na sua escolha estética. Uma aluna que jogue futebol, ainda sofre pressões. Como fazer, de forma mais adequada, esta transição, proposta pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN), mas de difícil aplicabilidade na realidade das escolas, onde nem mesmo o problema da dominação entre homens e mulheres é reconhecido? Enquadrar estas realidades como conservadoras, limitadas, controladoras, sem considerar as distâncias sempre presentes entre o movimento teórico que dinamiza pensamentos, percepções da realidade no âmbito universitário e o dia a dia das instituições que operam a formação de valores como a escola e a família é perder de vista uma perspectiva favorável. Mas qual seria esta perspectiva favorável? A proposta que apresento é investir exatamente na distinção do que é gênero e do que é sexualidade, resgatando a reflexão das amarras iniciais do preconceito.

O campo de estudos de gênero só tem a colaborar para esta situação avançar. Quando estabelece a distinção entre sexualidade e gênero evidencia que o corpo biologicamente definido não esgota possibilidades de ação e aspirações projetadas por crianças em formação. Muitas aptidões não são definidas pela natureza, mas adquiridas por meio de processos de estímulos culturais e sociais que oferecem recursos para que determinados interesses sejam alcançados. A pedagogia moderna, no ensino fundamental indica ter incorporado estas premissas, principalmente, se considerarmos o modelo misto nas escolas, que não são mais segregadas por sexo. Entretanto, ainda não foi possível superar a reprodução muito rígida dos lugares de meninos e meninas, de classificações com base nos estereótipos de gênero para atividades mais ou menos apropriadas para as crianças de sexos diferentes. Esta discussão antecede uma possível resposta quanto às demandas relativas à sexualidade que mobilizam pais e professores.

Segundo o PCN, o compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo. Os Temas

Transversais, de acordo com o PCN, foram criados intencionalmente para auxiliar a educação a construir uma sociedade livre, justa e solidária, a fim de garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais, promovendo o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrosociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões.

Nas várias áreas do currículo escolar existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos a respeito dos temas transversais, isto é, todas educam em relação a questões sociais por meio de suas concepções e dos valores que veiculam nos conteúdos, no que elegem como critério de avaliação, na metodologia de trabalho que adotam, nas situações didáticas que propõem aos alunos. Por outro lado, sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-los; ao contrário, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento.

Com tal percepção fica claro entender que não somente o teatro está apto a trabalhar assuntos como a sexualidade em sala de aula. Para trabalhar o tema corpo, gênero e sexualidade, proposto por mim, juntamente com o conteúdo proposto pela escola naquele ano, que era o estudo do Teatro Elizabetano, era preciso achar algo em comum. Algo que fizesse uma ligação entre os dois conteúdos. Para realização do trabalho, me apropriei então da mais famosa obra de Shakespeare entre os adolescentes, Romeu e Julieta. Tudo começou quando juntos todos, eu e os alunos, lemos a peça na íntegra. Em sala de aula, começamos então a entender como se organizava a sociedade elizabetana e o seu teatro. Organizei então, a sala de aula e coloquei mesas e cadeiras dos alunos de maneira a representar o palco dos teatros europeus da época de Shakespeare em forma de T. Dispostos diferentemente do habitual, propus para os alunos que entrássemos no mundo de Shakespeare, na realidade descrita em suas obras e vivida por seus personagens na sociedade europeia do século XVII. Assim, juntos, os

alunos e eu refletimos sobre a adolescência atual e seus valores e a adolescência vivida por Romeu e Julieta. Apesar de ser uma aula teórica de teatro, o ambiente modificado e o assunto interessante, prenderam a atenção dos alunos, que participaram fervorosamente da discussão, expondo seus pontos de vista, dando opiniões e esclarecendo dúvidas. A aluna B.S.O., queria entender “por que as meninas tinham que se casar tão jovens, antes mesmo de se apaixonar?”. O aluno M.B.A., comentou que “se uma menina perdesse a virgindade antes do casamento, ninguém mais se casaria com ela, e ela ficaria solteira para sempre.”

Dando continuidade ao trabalho, os personagens foram estudados e questionados. Foi proposto que pensassem “quem era Julieta, uma menina sensível e desprotegida, ou uma mulher forte e guerreira, capaz de enfrentar sua família para viver um grande amor?”; “quem era Romeu, um homem sem iniciativas, disposto a viver o que sua família havia planejado a ele ou não?”. Diante de tantas perguntas e indagações a aluna B.B. definiu que Julieta na imagem de uma mulher jovem e bonita, que veste uma armadura mostrando sua força ao mesmo tempo em que segura em suas mãos uma rosa, deixando explícito seu lado feminino e sensível. Em um terceiro momento da aula, então, solicitei que os alunos se dividissem em 5 grupos de 6 e 7 alunos para encenar os atos do drama estudada. Cada grupo escolheu um ato e entre si distribuíram os personagens.

Iniciaram-se então, as análises dramáticas dos atos da obra e em grupos os alunos começaram a montagem do roteiro, que será trabalhado, ensaiado e apresentado em duas ou três semanas. Para elaboração do roteiro, fez-se necessário a escolha e a divisão dos personagens.

Ao terminar a construção dos roteiros, individualmente, cada aluno trabalhou com a construção do seu papel, através da ficha de personagem. Baseando-me em Stanislavski, creio que construção dos personagens é de fundamental importância para que os alunos possam refletir sobre seus papéis. A ficha tinha como perguntas norteadoras: o nome do personagem; onde vive esse personagem; quais as ações vividas por esse personagem; quais seus desejos e vontades; como é visto este personagem pela sociedade da sua época; descrição como você observa esse personagem, seu psicológico, suas atitudes e suas ações; e a escolha de uma imagem que lembre seu personagem. Para a procura das imagens, trouxe para a sala de aula uma caixa cheia de revistas e jornais usados e assim os alunos recortaram e colaram as imagens escolhidas. As imagens escolhidas não necessariamente seriam pessoas, poderiam ser lugares,

bichos, objetos e outros elementos que lembrem seus personagens, seus mundos interiores e exteriores. Foi neste momento então, através da ficha de personagens, que os alunos expressaram seus sentimentos e consentimentos sobre aqueles homens e mulheres criados e descritos por Shakespeare em sua obra. A aluna B.B. que anteriormente já havia definido Julieta como uma mulher forte, decidida, delicada e sensível, cria uma imagem um tanto instigadora, quando recorta a figura de uma jovem, bonita, loira e de olhos claros, trazendo a imagem de uma princesa, com toda sua beleza e submissão e a veste com a armadura de um guerreiro, que em contradição revela a força, o poder e a perseverança de Julieta. Para finalizar a sua imagem a adolescente ainda põe nas mãos da sua Julieta uma rosa, símbolo da sensibilidade e delicadeza feminina (anexo II). Para B.B., a personagem de William Shakespeare, é uma mulher jovem e bonita, que sem perder sua sensibilidade e sua delicadeza, mostra-se forte e decidida, quando faz suas escolhas e toma atitudes que vão de encontro à vontade de sua família e sem medo das punições, luta pelo seu amor, casando-se escondido e entregando sua vida a ele.

Em um momento seguinte do trabalho, foi pedido que os alunos junto a seus grupos escolhessem o ambiente em que seriam apresentadas as cenas. Eles pensassem em todos os espaços da escola. Poderiam escolher qualquer espaço. Cada grupo escolheu um lugar diferente, e entre estes lugares estavam a praçinha, a igreja, a quadra externa de esportes e os bancos e mesas de estudos do pátio. Os cenários e o figurinos também foram pensados. Os ensaios seguiram-se por 4 semanas e enfim, iniciaram-se as apresentações, que seguiam a sequência cronológica dos atos e do enredo da peça.

Cada grupo tinha um aluno responsável por conduzir os espectadores até o local da cena. Os figurinos estavam impecáveis, principalmente as tantas Julietas que tínhamos na turma. Todos os alunos tinham vestimentas próprias e envolveram-se com seus personagens como eu nunca pensei que fossem fazer. Fiquei emocionada ao ver o crescimento dos alunos e a disponibilidade que demonstraram.

O trabalho foi satisfatório para mim. Pude acompanhar o perceptível crescimento e amadurecimento dos alunos em relação as aula de teatro. Terminei a aula com sentimento de vitória e quero continuar podendo fazer a diferença na vida de muitos adolescentes ainda, seja com as aulas de teatro ou até mesmo de geografia.

CONCLUSÃO

Educar é a arte de formar, inventar, descobrir conceitos e principalmente aprender a pensar. Educar é pensar sobre um fenômeno ou algo qualquer. Quando se tem educação, pode se construir uma conscientização de cidadania, buscando o aprimoramento da sociedade que possamos chamar de justiça e igualdade. Porém possuir conhecimento não é o bastante para a transformação. Ser detentor de um conhecimento e não se utilizar dele como instrumento de modificação, é deter um conhecimento que não tem sentido. O conhecimento só é válido quando permite a ação. Ação essa que permitirá uma igualdade e uma quebra do que chamamos de preconceitos a pequenos grupos sociais, que muitas vezes prejudicam o ambiente escolar.

A realização desse trabalho sem dúvida me mostrou a realidade vivenciada dentro da comunidade escolar e da sala de aula, bem como os conflitos vividos dia-a-dia pelos adolescentes. O contexto escolar e a adolescência é algo muito complexo que somente pode ser conhecido quando interagimos com este.

A vivência desse estudo, a pesquisa, as observações, a prática e até mesmo as conversas com os adolescentes na escola, me proporcionaram compreender que o melhor professor não é aquele que detém o conhecimento dos livros apenas, mas sim aquele que acima de tudo trás para dentro da escola sua vontade de inovar para desenvolver cidadãos conscientes. Sendo assim, ao analisar os pontos mais significativos deste estudo, percebo o quanto enriquecedora é a oportunidade de realizar um trabalho, de forma completa e coerente dentro da escola, para todos aqueles que um dia se tornarão educadores.

Os estudos sobre os jovens, a fase perturbadora da adolescência, gênero, sexualidade, o texto dramático de William Shakespeare e seus personagens, me fizeram

esclarecer muitas dúvidas. Entretanto muitas outras surgiram, como por exemplo, será que um dia será possível os adultos compreenderem os jovens adolescentes? Será que os próprios adolescentes se entende? Será queremos que os nossos jovens cresçam e amadureçam internamente ou os pressionamos para que apenas cresçam mudando seus hábitos?

Foi um depoimento de uma aluna L.S.S., de 13 anos que me fez questionar as atitudes de nós adultos perante os jovens, e conseqüentemente a minha perante meus alunos:

“Sôra eu estou adorando as aulas de teatro, porque aqui a gente pode fazer coisas diferentes, como por exemplo, brincar. E fora daqui, se eu for brincar em casa, minha mãe vai dizer que estou ficando louca; na escola o diretor e os outros professores vão dizer que estou regredindo, e sem contar os colegas que vão me chamar de criança e não vão querer brincar comigo. Eu sei que não sou mais crianças, mas também não sou adulta e tenho saudades da minha infância, das brincadeiras legais”.

Assim, aprendi que a adolescência é uma das formações culturais mais poderosas da nossa sociedade. Os adolescentes amam, estudam, brigam e alguns até trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam a cada dia. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro familiar e são pré-julgados como rebeldes, devido a suas ações espontânea e impulsivas, por aqueles, os adultos, que idealizam a adolescência como uma fase de apenas alegrias e felicidades.

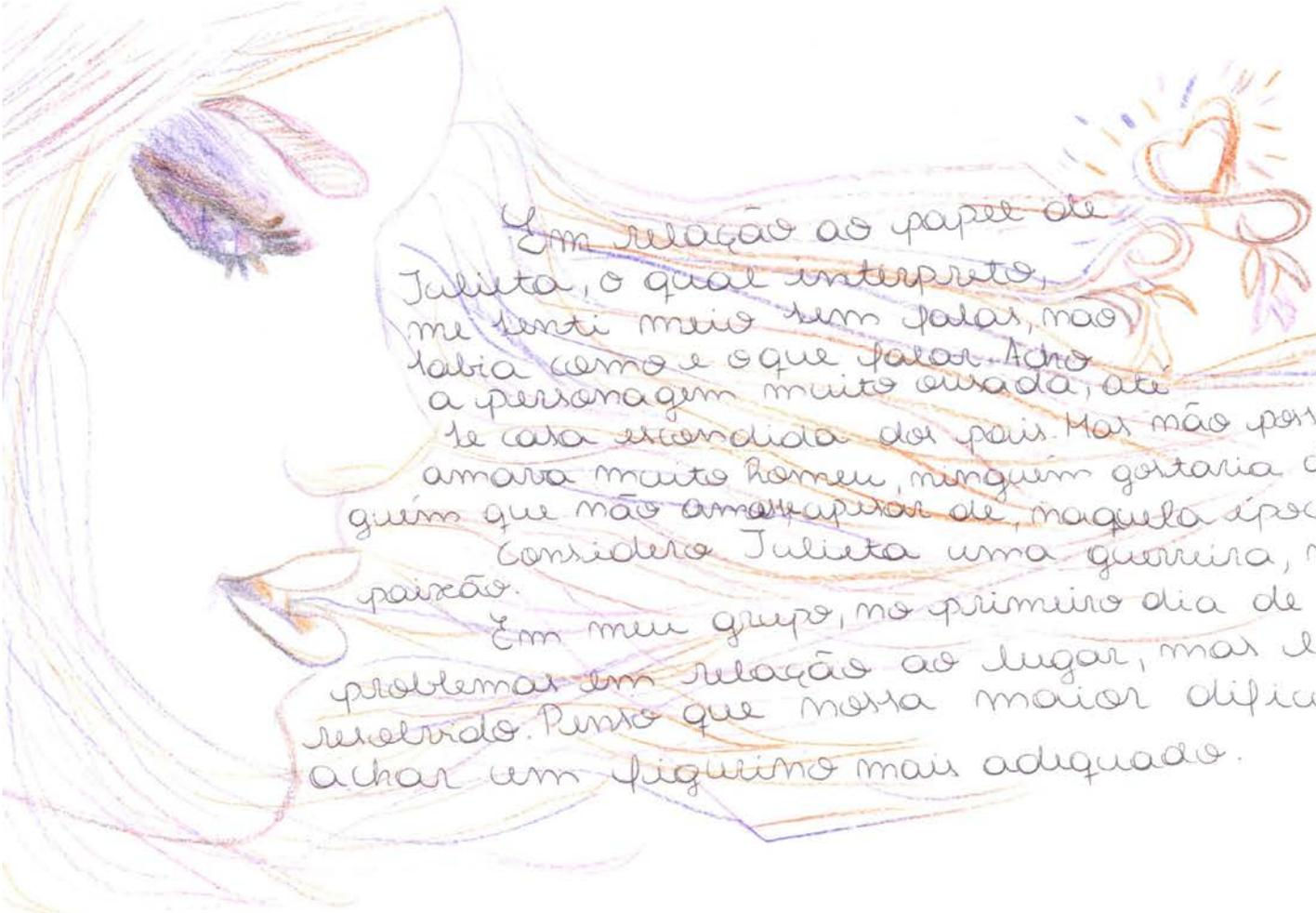
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. Ed. **Publifolha**. Coleção folha explica, São Paulo, 2009.
- CARVALHO, Marie Jane S. e ROCHA, Cristianne Maria F. (orgs.). **Produzindo Gêneros**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- RIBEIRO, Paula Regina; SILVA, Méri Rosane; SOUZA, Nádia Geisa; GOELLNER, Silvana e SOUZA, Jane Felipe (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade – Discutindo Práticas Educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **O jogo dramático no meio escolar**. Coimbra: Centelha, 1981.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: Sintomas da Cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PCN – Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais**. Brasília, 1997.

ANEXO I

Cronograma

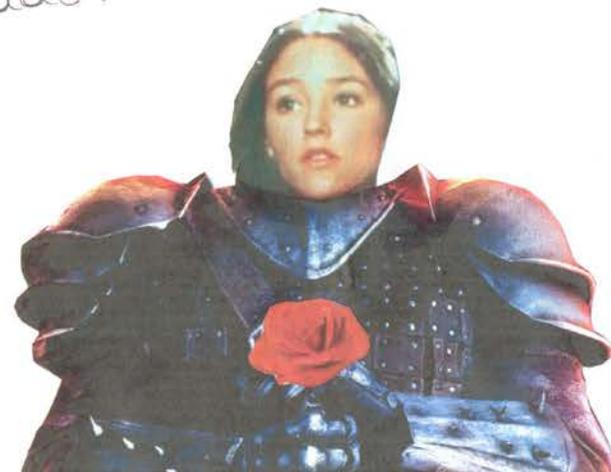
ANEXO II



Em relação ao papel de Julieta, o qual interpreto, me senti mais sem falar, mas sabia como e o que falar. Acho a personagem muito curiosa, até se casa escondida do pai. Mas não posso julgá-la, pois ela amava muito Romeu, ninguém gostaria de se casar com alguém que não amasse a pessoa de, naquela época, isto ser normal.

Considero Julieta uma guerreira, mas com toda sua paixão.

Em meu grupo, no primeiro dia de ensaios, teve alguns problemas em relação ao lugar, mas logo depois ficou resolvido. Ponto que nesta maior dificuldade foi em achar um figurino mais adequado.



ANEXO II

Fotos das Práticas



Imagem I: Ensaio cena da luta entre as duas famílias. Fonte: Laryssa Paradedda, 2010.



Imagem II: Ensaio cena do balcão. Fonte: Laryssa Paradedda, 2010.



Imagem III: Ensaio cena do balcão. Fonte: Laryssa Paradedá, 2010.

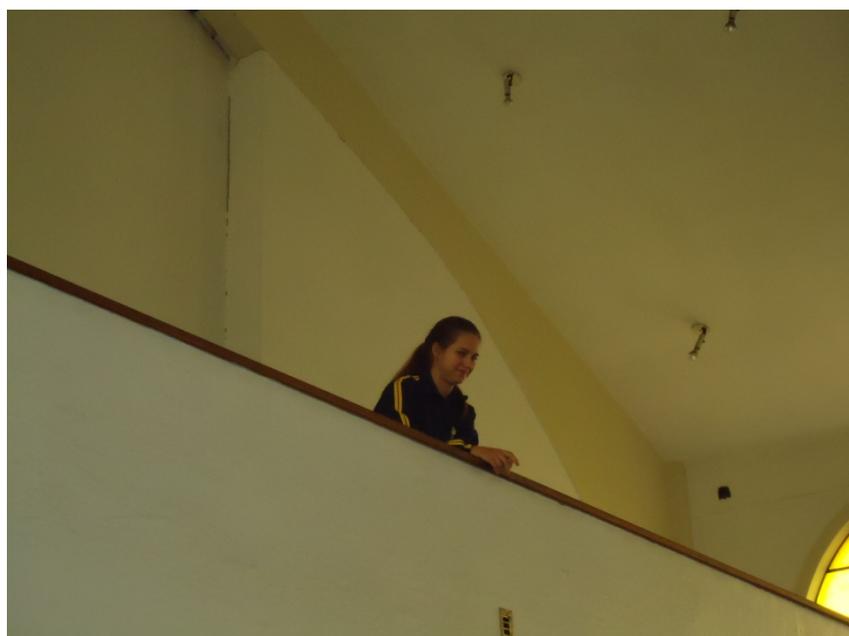


Imagem IV: Ensaio cena do balcão. Fonte: Laryssa Paradedá, 2010.



Imagem V: Ensaio cena do balcão. Fonte: Laryssa Paradedá, 2010.



Imagem VI: Ensaio cena do casamento. Fonte: Laryssa Paradedá, 2010.